



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

JULIANA CRISTINA MONTEIRO DOS SANTOS

**Aulas remotas e o retorno das aulas presenciais após o período de
isolamento social devido a Covid-19**

Brasília-DF

2023

JULIANA CRISTINA MONTEIRO DOS SANTOS

**Aulas remotas e o retorno das aulas presenciais após o período de
isolamento social devido a Covid-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como condição para obter o título de licenciada em Pedagogia, à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Liège Gemelli Kuchenbecker.

Brasília-DF

2023

**Aulas remotas e o retorno das aulas presenciais após o período de
isolamento social devido a Covid-19**

Juliana Cristina Monteiro dos Santos

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Liège Gemelli Kuchenbecker (Orientadora)

UNB/FE/TEF

Prof^a. Márcia Francisca Diogo Rodrigues (Membro TEF/UnB)

Prof^a. Valícia Ferreira Gomes (Membro externo)

UNB/FE/UCB

Brasília-DF

2023

Dedicatória

Este trabalho é dedicado primeiramente e principalmente a Deus, que sempre esteve ao meu lado, me dando forças e me permitindo viver experiências incríveis, estas que formam a grande mulher que sou hoje.

Segundamente aos meus pais, que sempre me deram todo o suporte necessário para que a minha jornada acadêmica fosse leve.

E a mim, que apesar de tantas dificuldades e impedimentos durante minha trajetória, nunca desisti dos meus objetivos e sempre estive disposta a dar o meu melhor.

Agradecimentos

Início meus agradecimentos com o coração transbordando de alegria. Grata à Deus pela oportunidade de ser reconhecida como Pedagoga pela Universidade de Brasília. Por cada momento vivido durante esses cinco anos; por Ele nunca ter saído do meu lado, nunca ter me deixado desanimar ou pensado em desistir. Tudo que eu sou, Senhor, é pra Teu louvor.

Agradeço também aos meus pais, José Roberto, minha mãe, Sirlene Batista, também aos meus irmãos, Paulo César e João Pedro que sempre me incentivaram e me encorajaram a ser uma profissional qualificada, sempre sonharam comigo os meus sonhos e sempre estiveram ao meu lado para o que der e vier. Espero que vocês ainda sintam muito orgulho dessa Juliana, a única da família a ingressar na UnB. Família, essa conquista é nossa!

Não poderia deixar de agradecer também a mim mesma, que apesar de enfrentar momentos tão delicados no processo da escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso, nunca permiti que o medo e a tristeza dominasse o meu coração. Enfrentei a adversidade com a cabeça erguida e com a certeza de que Deus tinha planos incríveis para a minha vida. Sinto orgulho da mulher que tenho me tornado no decorrer dessa jornada tão importante da minha vida, da maturidade que adquiri e tenho certeza que ainda existem grandes propósitos a serem cumpridos em minha vida, mas digo com toda certeza do mundo: Estou pronta para viver os próximos capítulos dessa incrível história que tenho vivido.

Agradeço aos meus amigos, que sempre estiveram dispostos a passar cada etapa dessa caminhada comigo, não citarei o nome de todos, mas com a certeza de que Deus conhece o meu coração e sabe o nome de cada pessoa que foi importante para mim durante todos esses anos. Mas não poderia deixar de registrar meu agradecimento especial a Alice Maria, Mateus Barbosa, Talita de Souza, Gabriela Khouri, Gabriella Carvalho, David Araújo, Leticia Meireles, Vanessa Lopes, Lorena Rezende e Bruno Luiz. Amigos, muito obrigada por terem sido a fortaleza que eu precisava nos momentos difíceis, por me aturarem chorando quando nem eu acreditava em mim, por me incentivarem a ser a melhor profissional que eu poderia ser, a lutarem juntamente comigo a minha luta e não permitirem que eu desanimasse no

decorrer do caminho. Eu sou extremamente grata à Deus pela vida de vocês e saibam que eu faria o mesmo por cada um de vocês, essa vitória é nossa.

Agradeço a Universidade de Brasília por ter sido meu lar, me acolhido tão bem e por ter me dado a oportunidade de viver a pesquisa e a extensão. Meus dias nessa Universidade foram dias muito felizes, jamais esquecerei das noites mal dormidas, das preocupações com prazos de entregas, medos das provas e apresentações, etc. Eu jamais imaginei que a UnB fosse ser um lugar tão mágico, e estou encerrando o ciclo da graduação com o coração feliz em saber que em breve voltarei para dar continuidade a minha formação, mas agora em outros degraus.

Por fim, mas não menos importante, agradeço também a cada professor que de alguma forma esteve presente no meu histórico, estou saindo da Universidade de Brasília completamente diferente do que entrei, graças a cada um de vocês, estou saindo com um pedacinho de cada um de vocês comigo.

Agradeço de uma forma completamente especial a professora Edeilce Buzar que me acompanhou na área da surdez nos últimos três anos e meio e ao entrar de licença da UnB me apresentou a minha atual orientadora Liège Gemelli, que me acolheu como filha, sempre esteve pronta para me ajudar, me tirar dúvidas e ser calmária em meio a minha tempestade.

Deus realmente sabe de tudo e nunca tive dúvidas de que Ele estava no controle de todas as coisas. Apesar de cada desespero, cada choro, cada angústia, eu nunca tive dúvidas de que daria certo e que no fim desse ciclo meu coração estaria radiando gratidão por cada fase, e não foi diferente, eu não poderia estar mais feliz e realizada por minha trajetória dentro da Universidade de Brasília. Grata por Deus ter cruzado meu caminho com o de pessoas incríveis, que levaria no meu coração e na minha memória pra sempre. Digo sempre que tudo que eu vivi durante esses cinco anos será sempre lembrado com muita alegria por mim. Minha imensa gratidão a todos vocês que fizeram parte desse processo.

Ao Rei eterno, o Deus único, imortal e invisível, sejam honra e glória para todo o sempre,
amém.

(1 Timóteo 1:17)

Resumo:

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) possui formato de artigo científico, e tem como objetivo principal analisar e refletir em como a UnB deu o suporte para os alunos surdos durante o período em que aulas aconteciam de forma virtual devido a pandemia mundial causada pelo Covid-19; Entender também como foi o processo do retorno das aulas presenciais. Na pesquisa analisei o documento 'Guia de Recomendação'. O problema de pesquisa deste trabalho é: Como se constituiu o suporte da UnB para com os alunos surdos durante o processo de mudança das aulas virtuais para o ensino presencial? Este trabalho tem como objetivo geral: Entender como foi para o aluno surdo o momento de aulas remotas durante o período pandêmico. E tem como objetivos específicos: Refletir sobre o aluno surdo na Pandemia e o retorno para as aulas presenciais; Analisar o documento oficial Guia de recomendações de biossegurança, prevenção e controle da Covid-19 na Unb e Identificar e refletir onde o aluno surdo poderia ter sido mais assistido pela Universidade durante o processo de retorno das aulas presenciais. Os resultados da pesquisa não foram satisfatórios, foi concluído com a pesquisa realizada que a Universidade deixou a desejar na inclusão do aluno surdo na elaboração do Guia de Recomendações de Biossegurança, prevenção e controle da Covid-19 na UnB. A metodologia usada foi a pesquisa.

Palavras-chave: Pandemia; Aula Online; Surdos; Guia de Recomendações de Biossegurança, prevenção e controle da Covid-19 na UnB

SUMÁRIO-

MEMORIAL EDUCATIVO	11
INTRODUÇÃO	14
PROBLEMA	14
OBJETIVO GERAL	14
OBJETIVO ESPECÍFICO	15
O ALUNO SURDO NO CONTEXTO DA PANDEMIA	15
Guia de Recomendações de Biossegurança, prevenção e controle da Covid-19 na UnB	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
PERSPECTIVAS FUTURAS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

MEMORIAL EDUCATIVO

Me chamo Juliana Cristina Monteiro dos Santos, nasci no dia oito de Outubro de mil novecentos e noventa e oito, em Taguatinga - Distrito Federal. Filha de José Roberto dos Santos e Sirlene Batista Monteiro dos Santos, que nasceram em Brasília e Ouro Verde respectivamente. Por questões financeiras, meus avós maternos decidiram vir para Brasília quando minha mãe era pequena. Vieram pois aqui tinham mais oportunidades de emprego e principalmente porque o governo havia dado um lote para que construíssem uma casa, com isso teriam uma vida mais digna. Ao se mudarem para cá, a família da minha mãe conheceu a família do meu pai. Moravam na mesma rua no Psul, localizado na Ceilândia. Mas só após quase 10 anos meus pais começaram a namorar e logo se casaram e tiveram 3 filhos: Paulo César, 30 anos, eu, 23 anos e o João Pedro, que tem 22 anos.

O meu primeiro contato com a escola foi muito cedo, aos 2 anos de idade minha mãe me matriculou em uma pequena escola no Psul, chamada Dany Encantada, uma escola que ficava bem próximo da casa em que minha família morava na época. Tenho poucas recordações dessa fase, lembro vagamente da minha salinha, do parquinho e do meu uniforme. Fiquei nessa escola até o segundo ano, na época, primeira série quando meus pais decidiram mudar para Taguatinga, tornando inviável continuar na mesma escola, pois o local em que iríamos morar ficava um pouco distante da escola, o que geraria dificuldades em deixar e buscar a gente na escola todos os dias e por esse motivo eles matricularam eu e meus dois irmãos em uma escola próximo de casa, chamada Edusec.

Essa escola era uma escola bem pertinho da minha casa, o ensino era um pouco mais elevado e por começar a ter mais conteúdos, meus pais começaram a investir mais na educação. Começamos a fazer acompanhamento pedagógico e reforço escolar durante o contraturno das nossas aulas.

Me recordo de muitas coisas dessa fase, lembro de toda a estrutura da escola, que inclusive era enorme, tinha três quadras, piscina, campo de futebol, refeitório, sala de artes, o pátio bem espaçoso, auditório, etc. Lembro de boa parte dos professores que tive. Lembro perfeitamente de uma que me marcou muito, me deu aula no 1º ano, se chamava Vilane Cardoso. Foi ela quem aperfeiçoou minha leitura e escrita. Ela nem sabe, mas foi por conta dela que eu escolhi a pedagogia, me apaixonei pela educação e comecei a sonhar com a minha vida profissional trilhando este caminho.

Quando cheguei no Edusec, eu já estava praticamente lendo e escrevendo. Apesar de trabalhar fora e não dominar todos os conteúdos, minha mãe sempre se preocupou com nossa educação, sempre chegava em casa, nos ensinava algo, nos ajudava nos deveres de casa, tirava nossas dúvidas, etc. Foi com ela que demos nossos primeiros passos escolares. E isso deixava minha professora da época muito orgulhosa pois eu era a única da sala que já cheguei sabendo ler e escrever. E por aqui as coisas sempre foram assim, minha mãe sempre introduziu a matéria em casa, e eu já ia para a escola sabendo o básico.

Quando eu estava no terceiro ano do ensino fundamental, tivemos alguns problemas familiares, e um deles foi por conta do meu irmão mais velho, Paulo. Ele parou de estudar e abandonou a escola, e isso deixou meus pais extremamente tristes, pois sonhavam com seus

filhos formando e ingressando em uma Universidade. E isso os impulsionou mais ainda para que eles investissem em mim e no meu irmão mais novo, João Pedro.

Eu gostava bastante do Edusec, era pertinho da minha casa, eu sempre ia super bem nas provas, gostava do espaço, sempre fui de ter vários amiguinhos e quando minha mãe decidiu mudar a gente de escola, fiquei triste, por todos esses motivos. Meus pais sempre sonharam com os filhos na UnB, e achavam que o ensino do Edusec não era o melhor para o nosso preparo, e com isso, quando eu estava no 4º ano, eles decidiram matricular eu e meu irmão mais novo no Colégio Ideal, um colégio que era referência em aprovações em vestibulares aqui em Brasília.

Fiquei triste em sair do Sesc, mas logo no meu primeiro dia de aula eu me apaixonei pela nova escola. Uma nova fase, novas pessoas... O Ideal era 100% diferente, quando entrei lá, apesar da empolgação tive um choque de realidade, primeiramente devido a quantidade de matérias, que foi de 6 para quase 15. Comecei a ter física, química, biologia, geometria, música, artes visuais e cênicas, entre outras disciplinas que eu nunca nem tinha ouvido falar. Além disso, o Ideal tinha uma proposta diferente, lá eles não realizam trabalhos em grupo, o método avaliativo era realizado apenas por provas e simulados preparatórios para os vestibulares da UnB; não tinha passeios escolares, o recreio era mais reduzido e as aulas mais extensas, finaliza às 12:50, com 5 aulas de 50 minutos por dia.

Apesar de sempre ter sido uma aluna dedicada e estudiosa, comecei a desenvolver uma certa dificuldade nas matérias de exatas e cheguei até a ficar de recuperação em algumas matérias durante alguns anos.

Minha mãe só estudou até o segundo ano do ensino médio e meu pai não chegou a finalizar o ensino fundamental, então quando entrei no Ideal, que o ensino era mais elevado, a rotina de provas era bem mais puxada, meus pais também tiveram dificuldades em nos auxiliar nos estudos e recorremos ao reforço escolar. Na nossa igreja, na época tinha um projeto de reforço para o fundamental II, então eu me matriculei e iniciei o reforço 3 vezes na semana: segunda (matemática), quarta (física) e sexta (química). As aulas duravam de 40 a 60 minutos, aconteciam na própria igreja, no contraturno da escola e os professores eram os próprios membros da igreja que se voluntariaram para auxiliar pessoas com dificuldades na escola, tanto os próprios membros da igreja quanto a comunidade ao redor dela. E desde quando iniciei o reforço, não fiquei mais de recuperação durante o Ensino Fundamental II.

Apesar da mudança radical, logo me adaptei à escola. Com a chegada do Ensino Médio, mais uma mudança, comecei a ter prova todos os sábados. As matérias que eram dadas durante a semana eram cobradas nas provas de sábado, no mesmo formato do Enem. E além disso, havia finalizado o reforço na igreja, que infelizmente não atendia o Ensino Médio. Mas com isso, aprendi a estudar sozinha, e a tirar minhas dúvidas no plantão da própria escola. Assim que entrei no primeiro ano, comecei a focar 100% no PAS (Programa de Avaliação Seriada), que era a melhor forma de ingressar na Universidade de Brasília, na minha opinião.

Sempre me preocupei em estudar e tirar notas boas nos simulados, pois isso me mostrava o quanto eu estava preparada para os vestibulares que eu iria prestar no final de cada ano letivo do Ensino Médio. Então sempre pegava onde eu mais errava, para me dedicar mais e errar menos no simulado seguinte. Minhas notas no PAS foram 39 (1ª etapa), 40 (2ª etapa) e 45 (3ª etapa). A UnB na verdade nunca foi um grande sonho meu, mas era um dos maiores

sonhos dos meus pais, então isso se tornou um grande objetivo pra mim, conseqüentemente eu comecei a sonhar com o dia em que eu fosse aprovada. E deu certo, ingressei na UnB pelo PAS. Minhas notas não foram excelentes, mas foram suficientes para o curso que eu sempre tive como primeira opção, a pedagogia. O dia da minha aprovação foi inesquecível. Foi motivo de grande alegria não apenas para os meus pais, mas para toda a família, pois nenhum dos meus primos ingressaram em faculdade pública, eu fui a primeira e até então continuo sendo a única.

Lembro até hoje da primeira vez que pisei na UnB, foi um dia mágico. Eu sonhava com aquilo e não sabia, eu me apaixonei no mesmo instante que cheguei, me sentia em casa. Achei a UnB linda por completo. Os diversos tipos de árvores e flores, os vários modelos de prédios e salas de aula, a biblioteca, o restaurante universitário... Tudo tão novo e tão especial. Iniciei o primeiro semestre com 5 matérias, e infelizmente uma delas me causou uma crise de ansiedade. Foi uma experiência horrível, que por uns dias me causou angústia e medo. Logo no primeiro semestre eu reprovei nessa matéria e aquilo me deixou bastante insegura e desanimada. As outras 4 matérias foram tão especiais e leves que eu decidi passar por cima desse trauma e esquecer desse episódio e seguir com a mente e o coração tranquilo, com a certeza de que dei o meu melhor.

Uma das matérias que cursei bem no início do curso foi a Educação Inclusiva, Eu me encontrei e me apaixonei por essa temática e decidi que iria seguir estudando e pesquisando sobre. Já no semestre seguinte eu entrei no Projeto de Libras e percebi que ali era o meu lugar, e desde então, estou em projetos e pesquisas na área da surdez.

Acompanhei a Professora Edeilce por cinco semestres, com ela eu realizei meus Projetos, que são disciplinas obrigatórias no currículo de Pedagogia na Universidade de Brasília, peguei algumas matérias nessa temática, fui monitora, participei de seminários do Laboratório de Libras, etc. Todos os meus estágios obrigatórios foram nessa linha da surdez e todos eles supervisionados pela professora Edeilce Buzar.

E nos meus planos eu faria o meu Trabalho Final de Curso com ela também, pois ela me acompanhou durante praticamente toda minha jornada acadêmica. Mas as coisas não saíram como o planejado. A Professora Edeilce entrou de licença no semestre em que eu iria dar início ao meu Trabalho de Conclusão de Curso, ao procurá-la fui informada de que ela não poderia ser minha orientadora. Confesso que no primeiro momento me desesperei e me senti perdida, pois não fazia ideia de qual rumo seguir, caso a área da surdez não fosse mais uma opção. Fiquei triste mas com o coração em paz, pois sabia que as coisas aconteceriam como Deus havia planejado. Nos últimos dias da professora na Faculdade de Educação ela me mandou uma mensagem me indicando uma pessoa que tinha o mesmo perfil que o dela e que trabalhava na mesma área que eu tinha interesse: Professora Liège.

Já tinha ouvido falar dela mas nunca tinha tido contato direto. A Edeilce citava sempre em suas aulas e falava do seu trabalho, então fiquei mais tranquila em saber que ainda existia a possibilidade da minha pesquisa seguir na área da surdez.

Logo após a indicação da professora Edeilce eu entrei em contato com a Liège e ela já me respondeu dizendo que poderia ser a minha orientadora. Mais uma vez fui surpreendida pelo cuidado de Deus comigo. A professora Liège desde então tem caminhado juntamente comigo, sendo uma pessoa extremamente paciente e sábia, e tem tornado esse processo do tcc que é tão complexo, em uma fase leve. Assim que o semestre começou, em janeiro de 2022,

tivemos uma reunião por videochamada para que pudéssemos conversar sobre os possíveis temas pelo qual eu pesquisaria. E logo no nosso primeiro encontro eu expus o que eu gostava de pesquisar e ela de cara abraçou a minha ideia e decidimos juntas aprofundar a minha ideia de pesquisa sobre o ensino e aprendizado dos estudantes surdos da Unb de forma virtual durante o período de pandemia e o retorno das aulas presenciais após esse período.

Durante o semestre passado passei por inúmeros problemas pessoais, tanto familiares quanto de saúde, e infelizmente tive que pausar minha escrita e trancar a disciplina do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse período continuei cursando apenas as três matérias em que eu estava matriculada. Acredito que para tudo existe um propósito e que tudo acontece exatamente como deveria.

Mesmo com tantas mudanças e imprevistos, tudo se encaixou exatamente como deveria. E hoje estou aqui, finalizando mais uma grande etapa da minha jornada acadêmica com a certeza de que dei o meu melhor. Levarei sempre comigo todos os aprendizados, conhecimentos e experiências incríveis que vivenciei durante esses cinco anos na Universidade de Brasília durante a minha formação como pedagoga.

INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa em formato de Artigo Científico que pretende responder ao seguinte questionamento: Como se constituiu o suporte da UnB para com os alunos surdos durante o processo de mudança das aulas virtuais para o ensino presencial? Com o objetivo de compreender como foi para o aluno surdo esse momento de aulas remotas durante o período pandêmico. O estudo traz como objetivos específicos: Refletir sobre o aluno surdo na Pandemia; Analisar o documento oficial Guia de recomendações de biossegurança, prevenção e controle da Covid-19 na Unb escrito no ano de 2020; Identificar e refletir onde o aluno surdo poderia ter sido mais assistido pela Universidade durante o processo de retorno das aulas presenciais. O trabalho é dividido em duas partes: Memorial educativo e artigo científico.

Na primeira parte do trabalho é contado um pouco sobre minha trajetória escolar/universitária e o que me levou a cursar pedagogia e como cheguei na escolha do tema do atual trabalho de conclusão de curso.

Na segunda parte trago o artigo científico, contextualizando sobre o vírus da COVID-19 e como foi para os alunos surdos lidarem com o “novo normal”. O artigo é dividido em dois eixos, sendo o primeiro: O aluno surdo no contexto da pandemia; e o segundo: Guia de recomendações de biossegurança, prevenção e controle da Covid-19 na UnB no ano de 2020, e por fim, as considerações finais e as perspectivas futuras.

Problema:

Como se constituiu o suporte da UnB para com os alunos surdos durante o processo de mudança das aulas virtuais para o ensino presencial?

Objetivo Geral:

Entender como foi para o aluno surdo o momento de aulas remotas durante o período pandêmico.

Objetivos Específicos:

- Refletir sobre o aluno surdo na Pandemia e o retorno para as aulas presenciais;
Analisar o documento oficial Guia de recomendações de biossegurança, prevenção e controle da Covid-19 na Unb no ano de 2020;
- Identificar e refletir onde o aluno surdo poderia ter sido mais assistido pela Universidade durante o processo de retorno das aulas presenciais.

O ALUNO SURDO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

A pandemia do novo coronavírus-COVID-19 foi uma surpresa para o mundo inteiro, esse vírus é uma doença respiratória aguda, potencialmente grave que tem poder de transmissões elevadas e distribuição global. O novo agente deste vírus foi descoberto dia 31/12/2019, registrado na China. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) são 34,2 milhões de casos no mundo, e 682 mil mortes.

A transmissão do vírus costuma acontecer pelo ar ou pelo contato pessoal com secreção contaminada, exemplo: saliva, espirro, tosse, catarro, contato com objetos ou superfícies contaminadas, etc. Há pessoas que não apresentam sintomas, outras sentem sintomas leves como: tosse, febre, cansaço, dores no corpo, perda de paladar ou olfato, e também pode acontecer de sentir os sintomas mais graves que é a falta de ar, podendo assim chegar a precisar de intubação, o que aconteceu com 15% dos pacientes que foram diagnosticados com o vírus.

Pelo fato do vírus ser transmitido com muita facilidade, a contaminação aconteceu de uma forma muito rápida, com isso os hospitais logo ficaram superlotados e sem vagas nas UTIs. Em decorrência disso, o governador de Brasília, Ibaneis Rocha resolveu suspender as aulas em escolas da rede pública e privada, universidades e faculdades no dia 11/03/2020 por meio de um Decreto. O texto foi publicado no Diário Oficial do Distrito Federal. A decisão teve como ponto principal conter a transmissão do novo coronavírus. A princípio a suspensão das aulas seria por 5 dias, mas a situação foi se agravando e por fim as aulas ficaram suspensas por 279 dias em média.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou, no dia 28 de abril de 2020, diretrizes com orientações para os colégios, universidades e outras instituições educacionais,

onde o Ministério da Educação (MEC) teve atuação nas providências. Era nítida a urgência da situação, e em todas as modalidades de ensino, em decorrência da pandemia, as aulas presenciais foram pausadas por prazo indeterminado, de acordo com a Lei 14.040/2020:

Art. 3º As instituições de educação superior ficam dispensadas, em caráter excepcional, da obrigatoriedade de observância do mínimo de dias de efetivo trabalho acadêmico, nos termos do caput e do § 3º do art. 47 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para o ano letivo afetado pelo estado de calamidade pública referido no art. 1º desta Lei, observadas as diretrizes nacionais editadas pelo CNE e as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino, desde que: I - seja mantida a carga horária prevista na grade curricular para cada curso; e II - não haja prejuízo aos conteúdos essenciais para o exercício da profissão (BRASIL, 2020).

As instituições começaram a agir e a optarem por qual rumo iriam seguir. Dentre as opções estavam: ensino híbrido; aulas remotas ou ensino a distância. O ensino híbrido alternando os encontros presenciais e os digitais, com o uso da tecnologia e sob supervisão de um profissional; As aulas remotas, aconteciam via internet, por meio de transmissões ao vivo, feitas em tempo real pelo educador; E o ensino a distância (EAD), onde os encontros são realizados 100% de forma virtual, o professor em um ambiente e cada aluno em outro e também usam a tecnologia para se comunicarem.

E esse contexto desesperou muitos professores, por terem sido pegos de surpresa. Repentinamente precisaram montar conteúdo online, sem contar na dificuldade que os alunos tiveram para se adaptar com a nova aprendizagem, estudando de casa. Durante esse período muitos pontos foram levantados como desafios, por exemplo: muitos alunos não tinham recursos para acompanharem as aulas virtuais, alguns não possuíam celular, computador ou até mesmo acesso à internet, e nesses casos, a escola entregava atividades impressas para que pudessem ser feitas de casa; alguns alunos não conseguiam aprender de casa, tinham dificuldade de concentração e acabaram se prejudicando durante esse período. Outro desafio enfrentado durante esses longos dias foram os estudantes com deficiências, que obviamente foram gravemente prejudicados. Mesmo com projetos inclusivos as escolas se depararam com uma realidade mais difícil do que poderiam imaginar: prover a inclusão digital e a educação inclusiva em tempos de pandemia.

No caso dos alunos surdos, o contexto é mais delicado ainda. O ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais), exige dos professores e principalmente dos intérpretes,

habilidades vinculadas à produção audiovisual, um ponto complexo para vários profissionais que não dominam essa área de tecnologias, apesar da crescente aquisição de aparelhos eletrônicos e do fácil acesso ao mundo virtual, muitas pessoas ainda sentem dificuldades nesse ponto. Sem contar as milhares de pessoas que não possuem condições necessárias para obter instrumentos virtuais.

Por muitos anos a exclusão de pessoas com deficiência esteve presente, tanto social quanto educacional. Mas o rompimento disso se deu, no Brasil, com a lei 13.146, de 6 de julho de 2015, Lei brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Dentro do ambiente escolar, a equipe inteira precisa estar sempre buscando novos meios de como incluir estes estudantes e também como efetuar um método de ensino-aprendizagem que seja eficaz. Ou seja, a equipe escolar deve estar em constante análise e estudo para que isso seja feito da melhor forma possível.

Alguns estudos mostram que o sentimento de solidão e o afetamento emocional dos alunos surdos durante esses dias de ensino remoto em casa foram enormes, prejudicando conseqüentemente o rendimento acadêmico desses alunos, e principalmente suas relações. Os encontros virtuais, a falta de objetos visuais e a falta de comunicação eram motivos de grande preocupação. O aluno surdo naturalmente é prejudicado por falta de acessibilidade no seu dia-a-dia, e com a suspensão das aulas presenciais isso se tornou um grave problema. A aula online foi prejudicial para muitos alunos por inúmeros motivos, e um deles foram as dificuldades que o aluno surdo teria em acompanhar a turma em suas atividades cotidianas. Como o aluno surdo fazia para assistir a aula da sua casa sem a presença de um intérprete? Como o aluno entregava as atividades sem alguém para auxiliá-lo? Como foi a aprendizagem desses alunos durante esse tempo em que as aulas foram dadas de forma online? E outro ponto que chama bastante atenção é, como foi o retorno para a aula presencial desses alunos? Como a Universidade de Brasília auxiliou e incluiu o aluno surdo nesse período de retorno às atividades presenciais?

Um fato é que os alunos surdos foram um dos casos mais delicados durante esse período de solução emergencial encontrada pelo Estado para que a educação não fosse parada, por não terem facilidade no acesso às tecnologias. Pela solução ser emergencial, muita coisa passou despercebida pelos órgãos responsáveis pela fiscalização, pois o período demandava agilidade, a exemplo das condições linguísticas, sociais, cognitivas, e outras especificidades desses alunos que tiveram que se adaptar ao novo normal, ao novo jeito de aprender e estudar.

A comunidade surda desde sempre vem enfrentando dificuldades e desafios no decorrer da sua história e vivem em uma constante luta de reconhecimento e aceitação dentro

da sociedade, e o ensino remoto foi mais uma barreira para os surdos. De acordo com Shimazaki, Menegassi e Fellini (2020, p. 02), “Ao se ofertar o ensino remoto, a exclusão desses alunos torna-se mais um agravante diante da pandemia e das condições impostas e requeridas a muitos deles”

No que se refere à educação, é um fato que mesmo antes da pandemia devido a Covid-19, as escolas do Brasil já evidenciaram grandes problemas e desafios para garantir a permanência e a aprendizagem necessária que as pessoas com deficiência necessitam. Mas com a pandemia, essa realidade ficou ainda mais notória. Para que haja uma educação de qualidade, um dos pontos essenciais é compreender a importância e a relevância de certos suporte aos alunos, sejam eles físicos, pessoal, social, técnico, ou qualquer outro. E no contexto de aulas online, as circunstâncias apresentaram grandes dificuldades para que esses recursos fossem cumpridos.

Com o surgimento da pandemia no ano de 2020, houve a necessidade do distanciamento social, e do uso da tecnologia para que o ensino fosse realizado, por mais que de forma remota usando as tecnologias de informação e comunicação, e essa necessidade trouxe juntamente com ela grandes questionamentos: como realizar a inclusão dos alunos com algum tipo de deficiência por trás das telas digitais? E no caso dos alunos surdos, surgem mais questionamentos ainda: como realizar a inclusão para os alunos surdos? Como deve ser feita a interpretação para esses alunos? Como os intérpretes deveriam se posicionar e atender as necessidades dos surdos de forma virtual? Como deve ser a relação professor-aluno-intérprete nas aulas ministradas de forma remota?

Essas perguntas tiveram que ser respondidas pela equipe escolar de forma imediata e analisada com bastante cautela para que o objetivo fosse cumprido da melhor forma possível, para que esses alunos não se sentissem excluídos e nem fossem prejudicados durante esse período, que por sinal foi bastante longo. E para obter essas respostas não poderiam esquecer que a primeira língua da pessoa surda é a Língua de Sinais (LIBRAS) e é por meio dela que essas pessoas se comunicam e se expressam, e na maioria das vezes é essencial a presença de um intérprete de Libras para mediar a comunicação entre o ouvinte e a pessoa surda, figura fundamental no cotidiano da pessoa surda, pois sem a interpretação, a comunicação não acontece, por isso o auxílio desse profissional é tão importante.

No Brasil, com a promulgação da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e também, a Lei 12.319 de 01 de setembro de 2020, trouxe para a evidência a profissão do Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais. Com isso, muitas coisas foram facilitadas, inclusive e principalmente no contexto escolar, o papel deste profissional é facilitar a comunicação e o

acesso à informação ao aluno surdo, atuando na tradução do que as pessoas falam para o aluno surdo, ou virse-versa. O intérprete é o elo comunicativo entre o aluno surdo e as pessoas ouvintes, seja ela aluno, professor, orientador, etc.

É indiscutível que o papel do intérprete é fundamental e que a figura desse profissional foi de extrema importância para que não houvesse tanta evasão dos alunos surdos durante as aulas online. Quando os intérpretes realizam o trabalho juntamente com o educador e toda a equipe pedagógica as probabilidades do trabalho ser realizado com êxito é bem maior do que se ele for feito de forma isolada.

Alves e Gomes (2020) citam que durante as aulas remotas os alunos surdos não conseguem interagir e muito menos entender o que estava sendo proposto durante as aulas e até mesmo o que estava sendo conversando no chat das videoconferências, devido suas limitações e o pouco conhecimento acerca da Língua Portuguesa escrita. A ausência de um profissional para auxiliar na interpretação prejudicava diretamente na aprendizagem e desenvolvimento do aluno surdo, e para que não perdesse o conteúdo completo, muitas famílias tiveram que assumir esse papel de intérprete para que houvesse algum proveito das aulas que estavam sendo ministradas por meio de vídeo. As aulas online resultaram na falta de acessibilidade.

Muitos desafios foram notados durante as aulas online, dentre eles: quando o professor está no meio de uma fala e há uma falha no áudio; quando acontece também uma falha de conexão, seja ela do aluno ou do professor; instabilidade nas plataformas usadas; ou quando os alunos optam por ingressarem nas aulas com suas câmeras desligadas, deixando o aluno surdo sem a visão dos lábios; quando o professor compartilha na tela algum slide, dificultando que o aluno surdo visualize o professor e também os colegas de sala e muitas vezes a fala e o entendimento desse aluno é comprometido.

Por mais delicado que seja o contexto da pandemia, vale ressaltar o compromisso que o Estado tem com a educação especial.

A educação é um direito garantido por Lei a todos os cidadãos, independente da cor, raça, classe social ou religião, mas sabemos que a comunidade surda desde sempre enfrentou preconceitos e várias dificuldades para ter uma educação digna e com o mínimo de qualidade, como dizem Honora e Frizanco (2009, p. 19):

Na Antiguidade, a educação dos Surdos variava de acordo com a concepção que se tinha deles. Para os gregos e romanos, em linhas gerais, o Surdo não era considerado humano, pois a fala era resultado do pensamento. Logo,

quem não pensava, não era humano. Não tinham direito a testamentos, à escolarização e a frequentar os mesmos lugares que os ouvintes. Até o século XII, os Surdos eram privados até mesmo de se casarem. Certa vez, Aristóteles afirmou que considerava o ouvido como o órgão mais importante para a educação, o que contribuiu para que o Surdo fosse visto como incapacitado para receber qualquer instrução naquela época.

A conquista de um espaço na sociedade foi algo muito suado, conquistado com muita garra e luta e que renderam anos. Por meio da inclusão e das inúmeras lutas, a comunidade surda foi conquistando alguns de seus direitos, como por exemplo: a educação. E apesar de terem tido grandes avanços e conquistas, este ainda é um caminho que é feito de passos pequenos e lentos.

A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou o Decreto (DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005.) que torna obrigatória a presença de tradutor e intérprete de Libras nas salas de aulas dos ensinos básico e superior para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Apesar de ainda existirem grandes dúvidas a respeito do vírus da Covid-19, vários estudos e pesquisas foram realizadas até que houve a aprovação de vacinas para o nosso país. E com o passar dos dias, a população vacinada foi crescendo e os casos cada vez menores. As aulas presenciais estavam cada vez mais próximas do retorno e uma nova rotina estava por vir, e lógico que esse retorno precisava de uma atenção especial, sem dúvidas nada voltaria a ser como era antes do contexto pandêmico.

Após um ano e oito meses com as atividades suspensas, o retorno foi planejado, apesar de ainda existir o medo. A instituição reconheceu que a imunização de uma parcela significativa da população viabilizou este novo cenário. Mas, para reforçar a segurança de todos que frequentam a Universidade, foram elaboradas uma série de orientações e protocolos de biossegurança para serem seguidas durante a retomada das atividades.

Por ser um novo contexto, uma nova realidade, muitas dúvidas surgiram. Como se comportar? Como lidar com essa nova rotina? Como evitar a contaminação? Como se cuidar? Vários questionamentos surgiram a respeito do protocolo que deveria ser seguido a partir daquele momento em diante. Na Educação Básica foi feita uma cartilha direcionada aos alunos surdos a respeito do retorno das aulas presenciais

Já na UnB foi escrito, em 2020, um Guia de recomendações de biossegurança, prevenção e controle da Covid-19 na UnB, um documento bem geral, nada específico aos alunos surdos. Este documento foi confeccionado por uma equipe de membros ativos/as do Coes: Ana Cristina Brandão Ribeiro (PRC), Anamélia Lorenzetti Bocca (IB), Cecília Balbino Reis (Sala de Situação/FS), Francisco George Lopes (Secom), Ileno Izídio da Costa (DAC), Jonas Lotufo Brant de Carvalho (FS/Sala de Situação), José Antônio Iturri de La Mata (FCE), Larissa Polejack Brambatti (DASU/DAC), Leonardo Freitas de Souza Martins (INT), Lígia Maria Cantarino (FAV; DEG), Marcela Lopes Santos (Sala de Situação/FS), Marcelo Reis Jatobá (Secom), Maria Eduarda Gibson dos Passos (DCE), Maria Hosana Conceição (FCE), Mirella dos Santos Jacinto (Sala de Situação/FS), Serena Veloso Gomes (Secom), Valéria Paes Lima (FM; HUB), Vanessa Tavares (Secom), Virgílio Pereira de Almeida (INT) e Wildo Navegantes de Araújo (FCE)

A Cartilha da Educação Básica foi escrita pelo Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de auxiliar e dar uma direção aos estudantes surdos durante a volta das aulas presenciais. O documento foi dividido em oito partes, contendo ao todo vinte e cinco páginas, todas elas muito importantes sobre como se prevenir contra a covid-19, feita com bastante ilustrações e em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Essa Cartilha não foi pensada apenas nos alunos surdos como também para toda a comunidade da escola, incluindo os professores, as pessoas que convivem com os alunos que são surdos, surdocegos, surdos com altas habilidades e também os surdos que possuem outras deficiências.

Nesta Cartilha são abordados pontos super interessantes e necessários para a comunidade surda, dentre eles temas como a proteção de forma individual e também o uso da máscara específica para os estudantes surdos, aquelas que possuem o material transparente, tendo em vista que ter visão da expressão facial é um ponto de suma importância para a comunicação do surdo, algo que a máscara padrão não permite que ocorra por causa do material não possibilitar a visão completa do rosto.

Outros pontos também abordados na Cartilha são a capacitação, o aperfeiçoamento dos profissionais e as adaptações nas salas de aulas. Fala também sobre os cuidados necessários para um retorno mais seguro, como a higienização da forma correta das mãos,

manter o distanciamento social necessário e seguir as novas regras e recomendações para que o vírus não se propague no ambiente escolar.

Algumas adaptações foram feitas nas salas de aulas para que a comunicação com o aluno surdo fosse facilitada, dentre elas a organização das carteiras dos alunos, que a partir daquele momento seria feita em formato de círculo, tendo em vista que o contato visual é um ponto necessário para o aluno surdo, mas claro que obedecendo todos os cuidados necessários do distanciamento social entre uma cadeira e outra.

O documento também enfatiza a importância da capacitação dos profissionais da escola, de uma comunicação adaptada e do uso de materiais didáticos apropriados para as ações de conscientização sobre a Covid-19 e todas as prevenções que devem ser seguidas. Os materiais didáticos, pedagógicos e educativos devem seguir as particularidades linguísticas, ou seja, devem ser disponibilizadas tanto no português escrito como em Libras.

Já na Universidade de Brasília, o Comitê Gestor do Plano de Contingência da Covid-19 criou um Guia de Recomendações de Biossegurança, prevenção e controle da Covid-19 para que os alunos fossem orientados a respeito do fim das aulas online e o retorno ao espaço físico da Universidade. Quais passos devem ser seguidos e quais deveriam ser evitados pelas pessoas que transitam pela UnB para que os casos fossem estabilizados e que as aulas presenciais não fossem suspensas mais uma vez? Todas essas questões foram trazidas neste documento para que os alunos se sentissem mais seguros e protegidos nesse processo de preparação para o espaço físico após um bom tempo afastados.

O documento foi escrito em 53 páginas e contém informações sobre a UnB no contexto da pandemia, acompanhamento, plano de contingência, mapeamento dos espaços, circulação e risco. Além das disposições sobre cautela e proteção individual e também coletiva.

Outro assunto que também foi colocado em pauta no Guia foi a saúde mental dos estudantes, funcionários e professores. Uma pesquisa nessa área junto à comunidade universitária foi aprovada juntamente ao Comitê de Ética e tem como objetivo principal analisar e refletir como ficou o psicológico desses indivíduos durante esse tempo.

Um ponto que me chamou bastante atenção foi como os alunos surdos foram auxiliados pela própria Universidade nesse momento e como esses alunos foram incluídos nesse documento que foi tão essencial e necessário nesse momento de tantas dúvidas para todos, por falta de conhecimento a respeito do vírus, os cuidados que demandam e também por ser algo totalmente novo no nosso contexto. E após refletir nisso, foram analisados nessa

pesquisa alguns pontos em que a Universidade poderia ter assistido mais esses alunos que necessitam de cuidados e atenção especial.

GUIA DE RECOMENDAÇÕES DE BIOSSEGURANÇA, PREVENÇÃO E CONTROLE DA COVID-19 NA UNB

O Guia foi desenvolvido após o surto causado pela pandemia mundial devido à Covid-19, uma doença respiratória aguda grave (SARS-Cov-2). Esse vírus foi identificado primeiramente em Wuhan, na China. O primeiro caso foi identificado dia 31 de dezembro de 2019 mas somente dia 11 de março a Organização Mundial de Saúde declarou como surto de pandemia. Atualmente temos 680.239 mortes e 34.034.656 casos conhecidos decorrente do vírus. Esse documento foi elaborado pelo Comitê Gestor do Plano de Contingência da Covid-19 da UnB (COES). As temáticas decorridas foram divididas em 12 partes.

A primeira parte é a Introdução, trazendo o que será discutido no Guia, ou seja, as considerações gerais, individuais e coletivas de recomendações para a entrada, circulação e permanência em qualquer área da Universidade de Brasília. As medidas são aplicáveis aos 4 campus, e devem ser adotadas tanto por funcionários e alunos quanto por pessoas que circularem pela Universidade. Esse Guia busca orientação para minimizar o risco de transmissão do vírus.

A segunda parte faz uma **Leitura Histórico-Epidemiológica**, trazendo uma contextualização da Covid-19, desde seu surgimento até a época - onde as vacinas não haviam chegado (Versão 1, Dezembro, 2020). A terceira parte discorre acerca da **Metodologia de Acompanhamento** a partir de um material chamado *Situation Report*, um material técnico que acompanha e apresenta análises epidemiológicas dos casos (e outros), nessa situação de pandemia da Covid-19.

A quarta parte compreende as **Responsabilidades** individuais e coletivas, partindo das observações deste guia. Todas as ações devem ser organizadas pelas Unidades Acadêmicas e Administrativas, assim como fazer avaliações periodicamente podendo direcionar ações.

A quinta parte trata-se do **Plano de Contingência da UnB** para a retomada de atividades presenciais na UnB. A sexta parte traz sobre a **Comunicação: materiais didáticos e informativos** para os estudantes da Universidade. A sétima traz, brevemente, observações

importantes de se ter no presencial, a partir do **Protocolo de Segurança** para as aulas presenciais, assim como higiene e limpeza.

A oitava parte concentra os **Cuidados e Proteções**, tais como medidas de cuidado e acompanhamento; mapeamento dos espaços, circulação e riscos; precauções universais e equipamentos de proteção individual. Ainda na nona parte, o texto é direcionado para a **Prevenção no cotidiano da UnB**. A décima parte é uma pequena seção que aponta questões de **Saúde Mental**.

Por fim, a décima primeira parte é um tipo de orientação para que as Unidades Acadêmicas reflitam sobre suas ações acerca de tudo o que foi colocado nessas partes acima, e por último, a décima segunda parte, as **Referências**.

Com detalhes consistentes, bem elaborados, claros e diretos este Guia discorre de medidas importantes a serem tomadas na UnB pela comunidade da Universidade, tais como orientações necessárias acerca dos cuidados, prevenção e controle da Covid-19 dentro do campi da UnB.

Após a leitura do Guia, tendo a reflexão voltada para a acessibilidade da comunidade Surda, algumas críticas foram levantadas. Em resumo, essas críticas se voltaram para a falta de recursos de acessibilidade. Nota-se que não há uma citação de pessoas surdas e/ou deficientes no Guia. Em vários pontos levantados neste documento caberia a inclusão de alunos com algum tipo de deficiência, neste caso, em especial foi notado que o aluno surdo, infelizmente, não foi lembrado. Trago alguns pontos em que o aluno surdo, poderia ter sido citado e assistido na elaboração deste documento em que foi/é tão necessário para a retomada da vida “normal” após a pandemia mundial causada pela Covid-19:

Na sexta parte do Guia, onde discorre sobre a **Comunicação: Materiais e Informativos** para ampliar a visibilidade no combate à Covid-19, o documento traz que todas as informações têm sido divulgadas nos canais oficiais e redes sociais da UnB e UnBTV. A crítica se concentra a partir da análise das redes e canais de comunicação divulgados¹, onde observa-se que alguns desses canais ainda não possuem acessibilidade completa (ou nem possuem) para os alunos surdos. No primeiro canal, no Portal da UnB, é possível ter acesso a um botão com recursos de acessibilidade, que inclui diversas configurações, incluindo Dislexia amigável, Saturação, Contraste, tamanho da letra e outros. Diferente do Portal da

¹Portal da UnB: www.unb.br
UnBNotícias: www.noticias.unb.br
UnBCiência: www.unbciencia.unb.br
Facebook: [oficialUnB](https://www.facebook.com/oficialUnB)
Instagram: [@unb_oficial](https://www.instagram.com/unb_oficial)
Twitter: [@unb_oficial](https://twitter.com/unb_oficial)

UnB, quando se procura recursos de acessibilidade no site da UnBNotícias e UnBCiências, é possível que a pessoa tenha acesso ao conteúdo em Libras. As redes sociais da Universidade (instagram, facebook e twitter) também não possuem recursos de acessibilidade.

Um outro ponto em que caberia uma atenção especial aos alunos surdos, é a **oitava parte do Guia**, já citado anteriormente, onde os **cuidados e proteções** são abordados. A DASU - Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária ofereceu várias ações de cuidado da comunidade universitária por meio de quatro coordenações, sendo elas: **Coordenação de Articulação da Comunidade Educativa - CoEduca**, equipe formada por pedagogos(as) e psicólogos escolares onde oferecem orientações, atividades e até mesmo oficinas destinadas às unidades acadêmicas. A segunda Coordenação citada no Guia é a **Coordenação de Apoio Psicossocial (CoAP)**, equipe composta por psicólogos, nutricionistas e servidores sociais. Onde tinham como objetivo oferecer acolhimento, atendimentos psicológicos e psiquiátricos tanto de forma individualizada como em grupo. **A Coordenação de Articulação de Redes para prevenção e promoção da saúde (CoRedes)**: Equipe composta por multiprofissionais (psicologia, nutrição e serviço social), onde também são desenvolvidas diversas oficinas e atividades de promoção à saúde e prevenção. E por último, a equipe da Coordenação de Atenção e Vigilância em Saúde (CoAVS), formada por enfermeiros e bolsistas de diversas áreas da saúde, onde atuam na vigilância ativa, orientando e prevenindo os alunos e a comunidade a respeito de possíveis agravamentos. Todas essas equipes e coordenações são de suma importância; permite que a comunidade e principalmente o aluno da UnB se sinta mais acolhido e informado sobre o contexto pandêmico. Mas em nenhum momento foi citado a respeito do aluno surdo. Será que este aluno possui atendimento com psicólogo individualizado garantido? Será que esses profissionais estão sendo preparados para terem o mínimo de comunicação com os alunos surdos? Será que as oficinas ofertadas possuem intérpretes disponíveis para garantir aos estudantes surdos a acessibilidade? Será que essas atividades propostas por estas Coordenações foram pensadas para realmente todos os alunos? As respostas para essas inúmeras perguntas podem até ser positivas, as equipes poderiam até estar preparadas para atender aos alunos surdos, mas faltou a clareza no documento, faltou passar para estes alunos a informação de que eles também seriam contemplados durante todas as programações oferecidas pela Universidade.

Ainda na oitava parte do documento, **no ponto 8.3 é abordado sobre as precauções universais e equipamentos de proteção individual**. Foram citados os cuidados que cada um deve ter individualmente para que o contágio seja amenizado, dentre eles, foram citados: **A higienização das mãos**. Cuidado fundamental, um dos pontos em que mais devemos dar

atenção. As mãos são os principais locais em que devemos higienizar a todo momento para que não possamos ser contaminados. O correto é sempre que possível, realizar a higienização das mãos com água e sabão e fazer o uso do álcool em gel. O **segundo cuidado** citado no documento foi sobre o **uso de máscaras**. E o primeiro tópico trazido nesse parágrafo é a respeito do **material da máscara “ideal” para ser usada nos espaços coletivos**: Máscara de tecido, de preferência que seja confeccionada com camada tripla de tecido de algodão. Enfatizam também que a máscara deve ser usada durante todo o momento para que não haja contaminação da boca e do nariz por gotículas respiratórias emitidas pelas outras pessoas que estiverem perto, e ressaltam que a máscara deve estar sempre devidamente ajustada no rosto durante todo o tempo, inclusive e principalmente durante a fala. O sujeito surdo, pela ausência da audição, utiliza das Línguas de Sinais e do recurso visual para melhor se comunicar, e embora necessário, o uso da máscara passou a ser um desafio, isso porque, ao cobrir uma parte do rosto, perdemos uma grande parcela da forma de se comunicar, nossas expressões, o movimento da boca, etc. A comunidade surda sempre enfrentou grandes dificuldades de comunicação, mas esse contexto de pandemia, isolamento social, uso de máscaras e a perda do contato físico contribuiu ainda mais para a vulnerabilidade na comunicação.

A preocupação com o contágio do vírus sempre foi enorme, e encontrar maneiras de evitar e controlar isso se tornou prioridade. Os profissionais da saúde analisaram e estudaram qual seria o material da máscara mais eficiente para amenizar o índice de contaminação e infelizmente o resultado não é favorável às pessoas surdas. Depois de um tempo imerso nesse contexto, surgiram as máscaras de acrílico, de material transparente, que facilita a visão do rosto, mas infelizmente poucas pessoas aderiram, logo, a pessoa surda continuou sendo prejudicada por conta do uso das máscaras descartáveis ou de tecido.

No ponto 10 do Guia a Saúde Mental é trazida como questão. É impossível negar que a pandemia trouxe consigo um grande desastre emocional. Ponto de extrema relevância a ser abordados nas escolas, Universidades, etc. E foi um dos subtemas escritos no documento da UnB. A Universidade teve o cuidado em abordar esse assunto tão delicado e tão importante, mas mais uma vez deixou a desejar com o público surdo. O Subcomitê de Saúde Mental e Apoio Psicossocial, desenvolveu o Plano de Contingência em Saúde Mental e Apoio Psicossocial para Enfrentamento do Novo Coronavírus para a Universidade de Brasília.

Foram promovidas algumas ações para a promoção da Saúde na Universidade, dentre elas: Rodas de conversa; Grupos de acolhimento, atendimentos com psicólogos, etc. E em nenhum ponto dessas ações o sujeito surdo foi incluído. Não se sabe se nesses encontros virtuais teria alguém que dominasse a Língua de Sinais para que a comunicação entre os

ouvintes e o surdo presente fosse realizada. Ou até mesmo a presença de um intérprete de Libras, que é direito do estudante surdo. Como seria a realização dessa ação caso um aluno surdo decidisse participar? Será que essas ações foram realmente pensadas e elaboradas para toda a comunidade da Universidade? Será que todos os alunos, funcionários e terceirizados seriam realmente contemplados com essas programações realizadas? Infelizmente essas informações não foram abordadas no Guia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização e exposição dessa pesquisa, é impossível não notar que a educação foi muito atingida pelo “novo normal”, principalmente a Educação das pessoas com algum tipo de deficiência, como por exemplo, os alunos surdos, que foram o foco deste trabalho. Esse momento pandêmico nos mostrou o quanto falhamos na acessibilidade para estes alunos e o quanto a assistência é necessária para que o conhecimento seja passado de uma forma eficiente, que é um direito assegurado por lei aos alunos.

Historicamente falando, o acesso e principalmente a permanência dos estudantes surdos nas instituições escolares são complicados por inúmeros fatores, existem grandes barreiras sociais que evidenciam esse fato. E como citado anteriormente, durante o período de confinamento esse foi um fator de grande preocupação.

O ensino remoto emergencial tirou todo mundo da zona de conforto, na área da educação toda a equipe pedagógica foi afetada com grandes medos e preocupações. Todos tiveram que enfrentar grandes desafios. Existia uma grande urgência em organizar a nova forma de ensino daquele momento em diante.

É notório que a educação durante o período de isolamento social foi uma grande surpresa, um baque que ninguém esperava, foi considerado por muitos um processo de “fracasso” pois na maioria das situações não foi empregada medidas que suprissem o mínimo das necessidades emergenciais que eram necessárias. Claro que esse período não mostrou apenas pontos negativos, tiveram pontos considerados positivos também, mas esse método de ensino, que é feito a distância provou que nada supera o contato físico, olho no olho e a presença de cada aluno no ambiente escolar.

A atual pesquisa contribuiu para o conhecimento das limitações e reflexão em como o sujeito surdo é esquecido em todos os contextos, neste caso, expus alguns pontos em que não foram cuidados e assistidos pela Universidade durante o período da Pandemia mundial causada pela Covid-19. Foi identificado que a pandemia contribuiu como agravante para a dificuldade de comunicação dessas pessoas surdas.

Ademais, esse estudo também trouxe reflexões sobre os impactos da pandemia na saúde mental dessas pessoas e ressalta a importância das medidas de inclusão social das pessoas surdas em todo e qualquer contexto, seja ele planejado pela própria Universidade ou não. Mas para que isto de fato aconteça na prática, os coordenadores, diretores, reitores, professores e os demais funcionários devem implementar medidas, ações, práticas e providências para a promoção do vínculo das pessoas surdas com os ouvintes; E que contemplem e incluam de fato todos os alunos, docentes, técnicos e demais funcionários, terceirizados da Universidade de Brasília.

PERSPECTIVAS FUTURAS

O desejo do meu coração sempre foi seguir a carreira universitária, sempre sonhei em retornar a Universidade de Brasília como professora da Faculdade de Educação, e se Deus assim permitir, ainda realizarei esse grande objetivo. Meu interesse é continuar na área da educação inclusiva. Pretendo investir na minha educação continuada, realizar cursos, uma pós graduação, seguir para o mestrado e o doutorado, visando sempre aperfeiçoar e dar o meu melhor aos meus futuros alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almusawi, H., et al. (2021). Disparidades na alfabetização em saúde durante a pandemia de COVID-19 entre as comunidades ouvinte e surda. *Pesquisa em deficiências de desenvolvimento*, 119, 104- 109, 2021

Bubbico, L., et al. (2021). O Impacto do COVID-19 em Indivíduos com Deficiência Auditiva e Visual durante a Primeira Onda Pandêmica na Itália. *Revista Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública*, 18(19), 102-108

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelecer como diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2010.

FURQUIM, Darcy. Ensino Híbrido: O Que É e Como Pode Ser Usado Na Escola. Escolas Disruptivas. 2019. Disponível em: <https://escolasdisruptivas.com.br/metodologias-inovadoras/ensino-hibrido-o-que-e-e-como-pode-ser-usado-na-escola/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

Guia de Recomendações de biossegurança, prevenção e controle do COVID-19 na UnB. Versão 1 – 07/12/2020. Acesso em: https://unb.br/images/Noticias/2020/Documentos/GuiaBiossegurancaUnB_2020.pdf

HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

Ministério da Saúde (BR). Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (Covid-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2020[acesso 1 abr 2020]. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>

Ministério da Saúde (BR). Plano de contingência nacional para infecção humana pelo novo coronavírus Covid-19. Brasília: Ministério da Saúde; 2020[acesso 25 mar 2020]. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/marco/25/Livreto-Plano-de-Contingencia5-Corona2020-210x297-16mar.pdf>

SAE DIGITAL. O Que São Aulas Remotas? Confira Aqui. 2020. Disponível em: <https://sae.digital/aulas-remotas/>. Acesso em 25 mar. 2021.

SANTOS, L. F.; LACERDA, C. B. F. Atuação do intérprete educacional: parceria com professores e autoria. Cad Trad Florianópolis, v. 35, n. esp 2, p. 505-533, 2015.